

ANNICK COJEAN

# NO HARÉM DE KADHAFI

Tradução de Carlos Sousa de Almeida

# 1

## Infância

Nasci em Marag, uma aldeia da região de Djebel Akhdar, a Montanha Verde, não muito distante da fronteira egípcia. Foi no dia 17 de fevereiro de 1989. É verdade, 17 de fevereiro! É impossível, doravante, os líbios ignorarem esta data: o dia em que se iniciou a revolução que expulsou Kadhafi do poder, em 2011. Bem se pode dizer que é um dia destinado a tornar-se festa nacional e essa ideia é-me agradável.

Três irmãos tinham nascido antes de mim e dois outros viriam depois, bem como uma irmã. Mas eu era a primeira menina e o meu pai estava louco de alegria. Queria uma filha, uma Soraya. Já pensava nesse nome antes de se casar. E falou-me muita vez da sua emoção no momento em que me viu. «Eras linda! Tão linda!», repetiu-me frequentemente. Estava tão feliz que, no sétimo dia após o meu nascimento, a celebração que é costume organizar-se tomou a dimensão de uma festa de casamento. A casa cheia de convidados, música, um grande bufete... Queria tudo para a filha: as mesmas oportunidades, os mesmos direitos que os rapazes. Hoje em dia diz mesmo que sonhava que eu fosse médica. E é verdade que insistiu para que me inscrevesse em Ciências da Natureza no secundário. Se a minha vida tivesse seguido o seu curso normal, talvez tivesse realmente estudado Medicina. Quem sabe? Mas não me falem em igualdade de direitos com os meus irmãos. Isso não! Não há uma líbia que possa acreditar nessa ficção. Basta ver como a minha mãe, tão moderna, acabou por ter de renunciar à maior parte dos seus sonhos.

Teve imensos. Todos destruídos. Nasceu em Marrocos, em casa da avó que adorava. Os pais, no entanto, eram tunisinos. Tinha muita liberdade, pois, ainda jovem, foi fazer um estágio como cabeleireira em Paris. Um sonho, não é verdade? Foi lá que conheceu o meu pai, durante um grande jantar, numa noite do ramadão. Nessa altura, ele trabalhava na embaixada da Líbia e também gostava muito de Paris. A atmosfera parisiense era tão agradável, tão alegre, comparada com o clima de opressão líbio. O meu pai podia ter frequentado a Alliance Française, como lhe propuseram, mas era demasiado indolente e preferia sair, passear, aproveitar cada minuto de liberdade para encher os olhos. Hoje lamenta não saber falar francês. Teria sem dúvida mudado a nossa vida. Em todo o caso, assim que conheceu a minha mãe, decidiu-se rapidamente: pediu a mão dela em casamento, realizaram a boda em Fez (onde vivia ainda a minha bisavó) e, todo enfatuado, levou-a de imediato para a Líbia.

Que choque para a minha mãe! Nunca se imaginara a viver na Idade Média. Ela, que era tão galante, tão preocupada com andar na moda, bem penteada, bem maquilhada, teve de cobrir-se com o véu branco tradicional e limitar ao máximo as saídas de casa. Era como um leão enjaulado. Sentia-se vigarizada, apanhada numa armadilha. Não era nada a vida que o meu pai lhe fizera crer. Falara-lhe de viagens entre a França e a Líbia, do trabalho que poderia desenvolver entre um país e o outro... Em poucos dias, dava por si na terra dos beduínos. Ficou deprimida. Então o meu pai lá arranjou maneira de se mudar com a família para Bengasi, a segunda cidade da Líbia, no leste do país. Uma cidade provinciana, mas sempre considerada um pouco crítica relativamente ao poder instalado em Trípoli. Não podia levá-la a Paris, cidade para onde continuava a viajar frequentemente, mas ao menos viveria numa grande cidade, fugiria ao uso do véu e poderia até desenvolver a sua atividade de cabeleireira no salão familiar. Como se isso a pudesse consolar!

A minha mãe continuou deprimida e a sonhar com Paris. A nós, os filhos pequenos, falava dos seus passeios nos Campos Elísios, do chá com as amigas nas esplanadas dos cafés, da liberdade de que gozam as francesas, e também da proteção social, dos direitos dos

sindicatos, das ousadias da imprensa. Paris, Paris, Paris... Aquilo acabava por nos cansar. O meu pai sentia-se culpado. Procurou lançar um pequeno negócio em Paris, um restaurante situado no XV *arrondissement*, que a minha mãe podia ter gerido. Mas teve uma discussão com o sócio e o projeto foi por água abaixo. Também foi por pouco que não comprou um apartamento em La Défense. Custava na época vinte e cinco mil dólares. Não se atreveu e nunca mais deixou de o lamentar.

É, pois, de Bengasi que guardo as primeiras recordações da escola. Já se esfumaram um bocado, mas lembro-me que era muito divertida. Chamava-se «Os Leõezinhos da Revolução»; lá tinha quatro companheiras inseparáveis. Eu era a cómica do grupo e a minha especialidade era imitar os professores, quando não estavam na sala, ou o diretor. Parece que tenho um dom para captar o andar e as expressões das pessoas. Chorávamos a bom rir juntas. Eu tinha zero a Matemática, mas era a melhor em língua árabe.

O meu pai não ganhava bem. Por isso, o trabalho da minha mãe tornou-se indispensável. A partir de determinado momento, o sustento da família passou a estar a seu cargo. Trabalhava dia e noite, sempre na esperança de que algo se passasse que nos levasse para longe da Líbia. Sabia que ela era diferente das outras mães e na escola chamavam-me, com desprezo, «filha da tunisina». Aquilo magoava-me. As tunisinas eram tidas por modernas, emancipadas, e em Bengasi, acreditem ou não, essas características não eram realmente consideradas como qualidades. Estupidamente sentia-me despeitada. Quase desejava mal ao meu pai por não ter escolhido uma esposa líbia. Que necessidade tinha ele de se casar com uma estrangeira? Teria ao menos pensado nos filhos? Meu Deus, que estúpida que eu era!

\*

Quando fiz onze anos, o meu pai anunciou que iríamos viver para Sirte, uma cidade situada também na costa mediterrânica, entre Bengasi e Trípoli. Queria aproximar-se do berço da família, do pai (um homem muito tradicional que tinha quatro esposas), dos

irmãos e dos primos. Na Líbia é assim. Todas as famílias procuram manter-se agrupadas em torno de um mesmo bastião, pois partem do princípio de que este lhes dá força e apoio incondicionais. Em Bengasi, sem raízes nem relações, éramos como uns órfãos. Foi o que o meu pai nos explicou na altura. Mas eu recebi a notícia como se fosse uma autêntica catástrofe. Deixar a minha escola? As minhas amigas? Que drama! Adoeci. Adoeci de verdade. Caí de cama durante duas semanas, incapaz de me levantar para ir à nova escola.

Por fim, lá fui, em passo pesado, e compreendendo rapidamente que ali não seria feliz. Primeiro, convém dizer que estávamos na cidade natal de Kadhafi. Ainda não falei do personagem porque não era nem uma preocupação nem assunto de conversa em minha casa. A minha mãe detestava-o, muito claramente. Mudava de canal logo que ele aparecia na televisão. Chamava-lhe «o despenteado» e repetia, abanando a cabeça: «Francamente, um tipo destes tem cara de presidente?» O meu pai, penso, tinha medo dele e mantinha-se em silêncio. Sentíamos todos, intuitivamente, que quanto menos falássemos a seu respeito, melhor: a mais pequena observação fora do círculo familiar podia ser denunciada, e se isso acontecesse viríamos a ter graves aborrecimentos. Mas não tínhamos fotografias do Guia em nossa casa, não havia militância. Digamos que, de forma quase instintiva, éramos todos prudentes.

Na escola, pelo contrário, Kadhafi era adorado. A sua imagem era omnipresente: cantávamos o hino todas as manhãs em frente de um enorme cartaz com a sua imagem, que estava junto à bandeira verde; gritávamos: *Tu és o nosso Guia, marchamos atrás de ti, blá-blá-blá*; e na sala ou no recreio os alunos gabavam-se do «meu primo Muammar», do «meu tio Muammar», enquanto os professores falavam dele como de um semideus. Não, como de um deus. Ele era bom, velava pelos seus filhos, tinha todos os poderes. Devíamos todos chamar-lhe «papá Muammar». A sua estatura parecia-nos gigantesca.

Mudámo-nos para Sirte a fim de nos aproximarmos da família e nos sentirmos mais integrados no seio de uma comunidade, mas em vão, o resultado foi nulo. As gentes de Sirte, glorificadas pelo seu parentesco ou pela sua proximidade com Kadhafi, sentiam-se senhoras

do mundo. Como se fossem uns aristocratas, uns cortesãos, ao pé dos campónios e dos rústicos vindos das outras cidades. Vêm de Zliten? Grotresco! De Bengasi? Ridículo! Da Tunísia? Que vergonha! A minha mãe, decididamente, fizesse ela o que fizesse, era fonte de opróbrio. Quando abriu, no centro da cidade, próximo do nosso prédio da rua Dubai, um lindo salão de beleza, ao qual acorreram de imediato as elegantes de Sirte, o desdém ainda se tornou maior. E, no entanto, ela era talentosa. Todos reconheciam a sua habilidade para fazer os mais belos penteados da cidade e maquilhagens extraordinárias. Tenho mesmo a certeza de que a invejavam. Mas é incrível como Sirte está esmagada pela tradição e o pudor fingido. Uma mulher sem véu pode ser insultada na rua. E até de véu é suspeita. Que diabo anda ela a fazer fora de casa? À procura de aventuras? Terá alguma ligação? As pessoas espiam, os vizinhos observam as idas e vindas da casa, as famílias invejam-se, protegem as filhas e bisbilhotam sobre as dos outros. A intriga é contínua.

Na escola, o castigo era por isso a dobrar. Eu era não só «a filha da tunisina» mas também «a miúda do salão». Punham-me sozinha num banco, sempre à parte. Nunca consegui ter uma amiga filha de líbios. Mais tarde, felizmente, simpatizei com a filha de um líbio e de uma palestiniana, depois com uma marroquina, a seguir com a filha de um líbio e de uma egípcia. Mas com as líbias nunca, nem mesmo quando menti, um dia, ao dizer que a minha mãe era marroquina. Parecia-me menos grave do que ser tunisina, mas tornou tudo pior. A minha vida passou então a girar essencialmente em torno do salão de beleza. Tornou-se o meu reino.

Corria para lá assim que terminavam as aulas. E sentia-me revigorada. Que prazer! Primeiro, porque ajudava a minha mãe, o que era maravilhoso. Depois, porque o trabalho me agradava. A minha mãe não parava, corria de uma cliente para outra, mesmo tendo quatro empregadas. Fazíamos penteados, cuidados estéticos e maquilhagem. E garanto-vos que em Sirte, ainda que as mulheres se possam esconder sob os véus, elas são de uma exigência e de uma sofisticação inacreditáveis. A minha especialidade era a depilação do rosto e das sobrancelhas com um fio de seda, um simples fio que segurava entre os dedos e movia com muita rapidez para extrair os

pelos. Bem melhor que a pinça ou a cera. Também preparava os rostos para a maquilhagem, cuidava da base; a minha mãe tratava dos olhos a seguir, e gritava: «Soraya! O toque final!» Eu acorria então a pôr o batom, controlar o conjunto e juntar um bocadinho de perfume.

O salão depressa se tornou no ponto de encontro das mulheres elegantes da cidade. E, por consequência, do clã Kadhafi. Quando havia em Sirte grandes cimeiras internacionais, as mulheres das diversas delegações iam lá embelezar-se: esposas dos presidentes africanos e dos chefes de Estado europeus e americanos. É engraçado, mas lembro-me sobretudo da esposa do chefe da Nicarágua, que queria que lhe fizessem uns olhos grandes com um carrapito enorme... Um dia, Judia, a chefe do protocolo da esposa do Guia, foi buscar a minha mãe de carro para pentear e maquilhar a patroa. Era a prova de que ela tinha conseguido ganhar reputação! A minha mãe passou várias horas a cuidar de Safia Farkash, acabando por receber um valor ridículo, muito abaixo da tabela. Isto enfureceu-a e humilhou-a. Por isso, quando Judia voltou novamente ao salão, recusou as suas propostas sem-cerimónia, argumentando estar cheia de trabalho. Houve vezes em que se chegou a esconder, deixando a meu cargo a tarefa de explicar que não estava. A minha mãe tinha carácter. Nunca dobrou a cerviz.

As mulheres da tribo de Kadhafi eram, em geral, odiosas. Se me dirigia a uma e perguntava, por exemplo, se queria cortar ou pintar o cabelo, respondia com desdém: «Quem és tu para me estares a dirigir a palavra?» Uma manhã, uma dessas mulheres chegou ao salão, elegante, magnificente. Eu estava fascinada com o rosto dela. «Que bonita que a senhora é!», disse espontaneamente. Esbofeteou-me. Fiquei petrificada e corri para a minha mãe que murmurou entredentes: «Cala-te. A cliente tem sempre razão.» Três meses mais tarde, vi, angustiada, a mesma senhora empurrar a porta do salão. Avançou para mim, disse-me que a filha, que tinha a mesma idade que eu, acabara de morrer de cancro, e pediu-me desculpa. Era ainda mais inaudito do que a bofetada.

Outra vez, uma noiva reservou o salão para se embelezar no dia do casamento. Deu um pequeno sinal e depois anulou. Como

a minha mãe se recusasse a reembolsá-la, ficou enraivecida. Gritou, pôs-se a partir tudo o que podia, avisou o clã Kadhafi e este apareceu em força e pilhou o salão. Um dos meus irmãos veio em nosso auxílio e espancaram-no. Quando a Polícia interveio, o meu irmão foi detido e atirado para a prisão. Os Kadhafi fizeram tudo para que lá ficasse o mais tempo possível e foi necessária uma longa negociação entre tribos para que um acordo, seguido de perdão, pudesse fazer-se. Saiu ao fim de seis meses, de cabeça rapada e o corpo cheio de nódoas negras. Tinham-no torturado. E apesar do acordo entre as tribos, os Kadhafi, que dirigiam todas as instituições de Sirte, incluindo a municipalidade, coligaram-se para impor o fecho do salão durante mais um mês. Eu sentia-me revoltada.

Nasser, o meu irmão mais velho, amedrontava-me um bocado e tinha comigo uma relação de autoridade. No entanto, Aziz, nascido um ano antes de mim, era como se fosse meu irmão gêmeo, um verdadeiro cúmplice. Como andávamos na mesma escola, sentia-o simultaneamente protetor e ciumento, e servia-lhe de mensageira para algumas paixonetas. Eu, pelo meu lado, não pensava no amor de forma nenhuma. Totalmente inconsciente, era, a esse respeito, como uma página em branco. Talvez me tenha autocensurado, sabendo como a minha mãe era intransigente e muito severa. Não sei. Nem a mais pequena paixão, o mais pequeno frémito, o mais pequeno sonho. Acho que lamentarei toda a vida não ter experimentado os amores da adolescência. Sabia que um dia me casaria, é o destino das mulheres, e que então devia maquilhar-me e pôr-me bonita para o meu marido. Mas não sabia mais nada, nem do meu corpo nem da sexualidade. O pânico que senti quando fiquei menstruada! Corri a contar à minha mãe, que não me explicou nada do que estava a acontecer. Ver na televisão os anúncios aos pensos higiénicos tornou-se uma vergonha, especialmente quando estava na companhia dos rapazes da família... Lembro-me de que a minha mãe e as minhas tias me diziam: «Quando tiveres dezoito anos, contamos-te umas coisas.» Que coisas? «Sobre a vida.» Não tiveram tempo para isso. Muammar Kadhafi adiantou-se-lhes, esmagando-me.

\*



Uma manhã de abril de 2004 (fizera eu, havia pouco, quinze anos), o diretor da escola dirigiu-se a todos os alunos reunidos no pátio:

– O Guia dá-nos a grande honra de nos visitar amanhã. É uma alegria para toda a escola. Por isso, conto convosco para que chegueis a horas, disciplinados e impecavelmente vestidos. Deveis dar a imagem de uma escola magnífica, como ele gosta e merece.

Que notícia! Que história! Nem imaginam a excitação. Ver Kadhafi ao vivo... A imagem dele acompanhava-me desde o nascimento. Havia fotografias suas por todo o lado: nas paredes da cidade, dos edifícios públicos, dos municípios, das casas de comércio; nas *t-shirts*, nos colares, nos cadernos, para não falar nas notas de banco. Vivíamos permanentemente sob o olhar dele, prestando-lhe culto. E, apesar das observações azedas da minha mãe, eu venerava-o temerosamente. Não conseguia imaginar a sua vida porque não o tinha como um ser humano. Ele estava acima de qualquer conflito, num olimpo inatingível em que reinava a pureza.

No dia seguinte corri para a escola, de uniforme lavado e engomado (calças e túnica pretas, lenço branco a cingir-me o rosto), esperando com impaciência que nos explicassem como se iria desenrolar o dia. Mas mal começara a primeira aula e já um professor fora buscar-me dizendo ter sido a escolhida para entregar flores e presentes ao Guia. Eu, a «miúda do salão!» A aluna que era posta de parte! Que choque! Primeiro abri os olhos de incredulidade, depois levantei-me, radiante e consciente do número de invejas que estava a causar nos meus colegas. Conduziram-me a uma grande sala onde encontrei uma mão-cheia de alunas igualmente selecionadas, e ordenaram-nos que nos mudássemos, vestindo rapidamente o vestuário tradicional líbio. As roupas estavam penduradas em cabides de cor vermelha: uma túnica, umas calças, um véu e um pequeno chapéu a ajustar sobre o cabelo. Que inebriante! A rebentar de riso, vestíamos-nos a toda a pressa, ajudadas pelos professores que ajustavam os véus, punham alfinetes, pegavam num secador a alisar-nos os cabelos rebeldes. Eu perguntava: «Como é que devo cumprimentá-lo, digam-me, por favor! Que devo fazer? Prostrar-me? Beijar-lhe a mão? Recitar qualquer coisa?»

Tinha o coração a bater a cem à hora enquanto toda a gente se afadigava a pôr-nos deslumbrantes. Quando agora penso naquela cena, vejo nela a preparação dos cordeiros que são levados para o sacrifício.

O salão de festas da escola estava a abarrotar. Professores, alunos, pessoal administrativo, toda a gente aguardava nervosamente. O pequeno grupo de raparigas escolhidas para acolher o Guia estava alinhado diante da porta de entrada; lançávamo-nos olhares cúmplices do tipo: «Que sorte a nossa! Toda a vida havemos de lembrar-nos de um momento como este!» Eu agarrava-me ao ramo de flores a tremer como uma folha. Parecia que não tinha força nas pernas. Um professor lançou-me um olhar severo, como se dissesse: «Então, Soraya, mantém-te firme!»

E, de repente, Ele chegou. Num estalar de *flashes*, rodeado de uma nuvem de gente a guardá-lo. Vestia de branco, o peito coberto de insígnias, distintivos e condecorações, um xaile bege sobre os ombros, da mesma cor que o pequeno boné que trazia na cabeça e de onde emergiam cabelos muito negros. A cerimónia foi rápida. Estendi-lhe o ramo e a seguir peguei-lhe na mão livre e beijei-a curvando-me. Senti então que ele me comprimia estranhamente a palma. Depois avaliou-me de cima a baixo com um olhar frio. Presionou-me o ombro, pousou uma mão sobre a minha cabeça, acariciando-me os cabelos. E foi o fim da minha vida. Porque aquele gesto, soube-o mais tarde, era um sinal dirigido às suas guarda-costas e significava: «Quero esta.»

Naquele momento, porém, eu estava nas nuvens. Assim que a visita terminou, não corri, voei para o salão de beleza a contar o sucedido à minha mãe.

– O papá Muammar sorriu-me, mãe! Fez-me uma festa na cabeça! – Verdade seja dita que a recordação que tinha era mais a de um rito glacial, mas estava tão contente que queria que toda a gente o soubesse.

– Não liguês muito a isso! – respondeu-me, continuando a tirar os rolos da cabeça de uma cliente.

– Mas é o chefe da Líbia, mãe! Não é uma pessoa qualquer.

– Ah, sim? Mergulhou este país na Idade Média, arrasta o povo para o abismo e falas-me tu num chefe!

Fiquei aborrecida e fui para casa saborear a minha alegria sozinha. O meu pai estava em Trípoli, mas os meus irmãos pareceram um tanto surpreendidos. Exceto o Aziz, que não gostava da cara dele.

No dia seguinte, ao chegar à escola, reparei numa mudança radical na atitude dos professores para comigo. Habitualmente eram rudes, até mesmo desdenhosos, e eis que se tinham tornado cordiais, quase ternos. Quando um me chamou «menina Soraya», eu ergui as sobrancelhas; e quando outro me perguntou: «Então, voltaste às aulas?», como se isso fosse uma opção, disse para comigo que aquilo não era normal. Mas enfim, como era o dia a seguir à festa, não me preocupei. Quando as aulas terminaram, às treze horas, corri para casa a mudar de roupa e, às treze e trinta, estava no salão a ajudar a minha mãe.

As mulheres de Kadhafi empurraram a porta pelas quinze horas. Primeiro Faïza, depois Salma e, por fim, Mabrouka. Salma vestia o seu uniforme de guarda-costas e trazia um revólver no cinturão. As outras usavam roupa clássica. Olharam à volta (era um dia de muito movimento), perguntaram à empregada: «Onde está a mãe da Soraya?», e foram direitas a ela, dizendo:

– Fazemos parte do Comité da Revolução e estávamos com Muammar, ontem de manhã, quando ele visitou a escola. A Soraya deu nas vistas. Estava soberba na sua roupa tradicional, saiu-se bem na execução da tarefa. Gostávamos que ela fosse oferecer de novo um ramo de flores ao papá Muammar. Para isso, terá de vir conosco imediatamente.

– A altura não é boa! Como veem, o salão está cheio. Preciso da minha filha.

– Não levará mais de uma hora.

– É só para oferecer flores?

– É possível que tenha de maquilhar também as mulheres que acompanham o Guia.

– Nesse caso, é diferente. Terei de ser eu a ir!

– Não, não! A Soraya é que terá de oferecer o ramo.

Eu assistia à conversa, primeiro intrigada, depois excitada. A minha mãe, verdade seja dita, estava cheia de trabalho nesse dia, mas sentia-me um pouco aborrecida por ela se mostrar reticente. Se era para o Guia, não se podia dizer que não! A minha mãe acabou por aquiescer – não tinha escolha – e eu acompanhei as três mulheres. Um grande veículo todo-o-terreno estava estacionado diante do estabelecimento. O motorista ligou o motor ainda antes de entrarmos. Mabrouka ia à frente; eu, entalada entre Salma e Faïza, ia atrás. Arrancámos como um furacão, seguidos por dois carros de guardas, de que me apercebi imediatamente. Podia dizer adeus à minha infância.